

JOSÉ BONIFÁCIO: O PRIMEIRO GEOPOLÍTICO BRASILEIRO?

Carlos Henrique Arantes de Moraes¹

DOI: 10.29327/2283050.15.1-1

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a possibilidade de apontar José Bonifácio de Andrada e Silva como um geopolítico brasileiro, ainda que seu período de atuação na política nacional tenha ocorrido antes do termo geopolítica possuir um campo do conhecimento. Nesse bojo, utilizando-se de uma metodologia qualitativa, o objetivo é apresentar que os pensamentos de Bonifácio se assemelham com os pensadores geopolíticos, particularmente aqueles da escola geopolítica brasileira. O estudo faz uma releitura da geopolítica como campo do conhecimento para que se possa fundamentar o objetivo do artigo de aproximar a forma de pensar do “Patrono” da Independência do Brasil com os pensadores geopolíticos.

Palavras-chave: Geopolítica; José Bonifácio; Geopolítica Brasileira.

JOSÉ BONIFÁCIO: THE FIRST BRAZILIAN GEOPOLITICS?

ABSTRACT

This article seeks to present the possibility of pointing out José Bonifácio de Andrada e Silva as a Brazilian geopolitician, even though his period of activity in national politics occurred before the term geopolitics had a field of knowledge. In this context, using a qualitative methodology, the objective is to present that Bonifácio's thoughts are similar to those of geopolitical thinkers, particularly those from the Brazilian geopolitical school. The study reinterprets geopolitics as a field of knowledge so that the objective of the article can be based on bringing together the way of thinking of the “Patron” of Brazilian Independence with geopolitical thinkers.

Key words: Geopolitics; José Bonifácio; Brazilian Geopolitics.

JOSÉ BONIFÁCIO: ¿EL PRIMER GEOPOLITICO BRASILEÑO?

RESUMÉN

Este trabajo busca presentar la posibilidad de señalar a José Bonifácio de Andrada e Silva como un geopolítico brasileño, si bien su período de actividad en la política nacional se produjo antes de que el término geopolítica tuviera un campo de conocimiento. En este contexto, utilizando una metodología cualitativa, el objetivo es presentar que el pensamiento de Bonifácio es similar al de los pensadores geopolíticos, particularmente a los de la escuela geopolítica brasileña. El estudio reinterpreta la geopolítica como un campo de conocimiento, por lo que el objetivo del artículo puede basarse en acercar el modo de pensar del “Patrón” de la Independencia brasileña con el de pensadores geopolíticos.

Palabras clave: Geopolítica; José Bonifácio; Geopolítica Brasileña.

¹ Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

Introdução

José Bonifácio de Andrada e Silva foi personagem de destaque na história brasileira. Em 2018 recebeu oficialmente o título de “Patrono” da Independência do Brasil (BRASIL, 2018).

Carmona (2017) conceitua a geopolítica como aquele conhecimento capaz de orientar um projeto de nação. E, no caso brasileiro, José Bonifácio postulou nas origens do propósito da autonomia nacional, buscando, nesse caso, projetar uma nação forte.

Algumas publicações que objetivam falar dos pensadores geopolíticos brasileiros, apontam Everardo Backeuser como o precursor desse campo no Brasil (TAMBS, 1970; BOHOU, 2007; FRANÇA, 2020). De fato, a geopolítica nasceu no início do século XX como campo do conhecimento científico, quando Rudolf Kjellén publicou o livro “O Estado como Forma de Vida”² (Kjellén, 1917). Nesse tocante, o período de atuação de José Bonifácio na política nacional teve como janela temporal entre 1819 (data de retorno ao Brasil) e 1838 (data de sua morte) (ANJOS, 2007), ou seja, anterior à introdução da geopolítica como campo do conhecimento.

O objetivo deste artigo é apresentar que a forma de pensar de Bonifácio se aproxima dos pensamentos geopolíticos que surgiram após os discursos do distinto brasileiro, daqueles fundamentados no campo do conhecimento científico, inclusive com aderência dos pensadores brasileiros.

Para atingir o objetivo, logo após este introito, será apresentada uma discussão sobre os campos que fundamentam a geopolítica, com ênfase nos pensadores que se enquadram na escola geopolítica brasileira. Em seguida, será apresentada a forma de pensar de Bonifácio, para que seja possível fazer as devidas ligações dos ramos do conhecimento científico com o pensamento do estadista.

O presente estudo dialoga com os conceitos geopolíticos apresentados por autores como Golbery Couto e Silva (1967), Carlos de Meira Mattos (2011a), Wanderley Messias da Costa (2010), dentre outros que oferecem suporte para pensar a Geopolítica e, ainda, aqueles que estudaram a biografia de José Bonifácio, como Dolhnikoff (1996), Anjos (2007), Carmona (2013, 2017) e Sousa (2015).

² *Der staat als lebensform*, em tradução livre.

A geopolítica como campo do conhecimento

Antes de apontar as ideias de José Bonifácio, vale ressaltar neste trabalho, a estrutura do pensamento geopolítico. A partir disso, pode-se fazer as aproximações necessárias para apontar José Bonifácio como um intelectual brasileiro que buscou nortear soluções que muito se assemelham com a forma como os geopolíticos orientam seus trabalhos, particularmente os geopolíticos brasileiros.

Segundo Mattos (2011a), a geopolítica significa o resultado da evolução do homem sobre o meio físico que ocupa, alcançando êxito no seu domínio, ou não, conforme sua capacidade de influenciar e entender três ramos do conhecimento: a geografia, a história e a política.

Em outras palavras, populações que conseguiram adaptar-se e evoluir utilizando-se do seu espaço geográfico, por meio de políticas ao longo do tempo, remontam à história de diferentes civilizações. Estas lograram êxito e transformaram-se em Estados de destaque, pelo menos por um dado período temporal, no Sistema Internacional.

Soma-se a essas ideias, o conceito de Silva (1967),

Para nós, a geopolítica nada mais é que a fundamentação geográfica das linhas de ação política, quando não, por iniciativa, a proposição de diretrizes formuladas à luz dos fatores geográficos, a partir de uma análise calcada, sobretudo, nos conceitos básicos de espaço e posição. Um dos ramos, portanto, da política como imaginava Kjellén e sempre a qualificou, entre nós, o mestre Beckheuser: política feita em decorrência das condições geográficas. (SILVA, 1967, p. 64).

Portanto, como dissemos, os geopolíticos estruturam seus estudos em três ramos: a geografia, a história e a política. Obviamente que, por consequência, a relação dos conhecimentos de cada vertente resultará na aplicação da geopolítica.

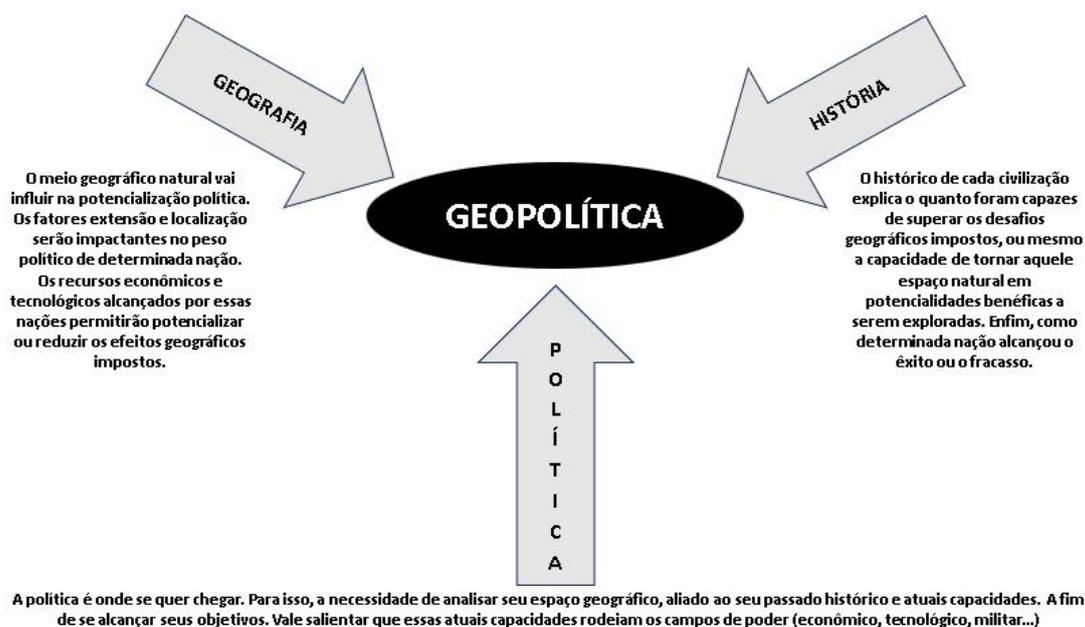


Figura 01 – Os ramos de estudos da geopolítica

Fonte: Autor. Adaptado de MATTOS (2011a).

Na primeira vertente, a geografia, é preciso verificá-la com um pouco mais de complexidade. Ela não é o destino, contudo assume um protagonismo relevante. Ela é um “fator essencial que limita o que a humanidade pode e não pode fazer” (MARSHAL, p.13, 2022). Nesse sentido, Kaplan exemplifica a força da geografia ao exemplificar as fronteiras, “Uma fronteira criada pelo homem que não coincide com uma zona de fronteira natural é algo particularmente vulnerável.” (KAPLAN, 2013, p. XIX). O autor fundamenta suas ideias com vários exemplos, como o muro de Berlim durante a época da Guerra Fria, as montanhas afegãs, os Cárpatos no Leste Europeu, entre outros.

Vale ressaltar que esse trabalho não tem como objetivo elucidar a discussão entre o possibilismo e determinismo que envolve as escolas francesa e alemã (GALVÃO et al, 2012). Contudo, é inegável perceber o impacto da geografia nos processos domésticos e o desenvolvimento político de determinado Estado.

Mais uma vez, Mattos (2011a) reconhece como a tecnologia pode arrefecer ou potencializar os efeitos geográficos, modulando uma política adaptada ao seu meio. É justamente o processo tecnológico que permite à

sociedade ultrapassar barreiras impostas pela geografia, bem como extrair da geografia o que ela melhor pode oferecer.

A vertente política, por sua vez, se entrelaça com os conceitos de poder centralizado numa autoridade, em qualquer regime de governo. Esta fonte de autoridade hierarquiza uma nação e faz com que toda a sociedade respeite determinadas regras, traduzindo o que é a soberania (FUKUYAMA, 2013).

Desse modo, a política é o que orienta uma nação, com o objetivo de apontar onde se quer chegar e, obviamente, como se quer chegar. Portanto, medir suas capacidades e tornar factível esse alcance é o poder que determinado país tem. Essa capacidade, sem dúvida, se entrelaça com o espaço geográfico, seu tamanho e posicionamento global e com a tecnologia que se tem capacidade de produzir (MATTOS, 2011a).

Por fim, sobre a vertente histórica, Costa (2010, p. 22) aponta que:

[...]o que é determinante para a história dos Estados, segundo esse discurso, é a capacidade que eles demonstram em construir sua unidade nacional interna do ponto de vista da organização política do território, e de transformar esse dado em poder de Estado, a fim de projetá-lo na sua política externa. (COSTA, 2010, p. 22).

Marshall (2018) entende que a história de como as nações se estabeleceram contando com a geografia, permite a compreensão do sistema de relações internacionais. Portanto, é importantíssimo consultar o passado para o real entendimento geopolítico, conforme apontam Costa (2010) e Marshall (2018).

Em suma, o espaço geográfico pode moldar o pensamento político de determinada sociedade. Mas caberá a um grupo seleto de pessoas, ao longo da história, a montagem de estratégias políticas de forma a atingir seus objetivos nacionais, demonstrando êxitos e dificuldades.

Ao focar no Brasil, vale ressaltar que Vesentini (2009) e França (2020) afirmam haver uma escola geopolítica brasileira, abarcando estudiosos como Everardo Backeuser, Mario Travassos, Golbery do Couto e Silva, Carlos de Meira Matos, Therezinha de Castro, entre outros. Escola com significativa influência nos destinos da nação, que apresenta entre a maior parte de seus

integrantes preocupações com temas como fronteiras, integração nacional, busca de um Estado centralizado e o projeto de grande potência.

A forma de pensar de José Bonifácio

Segundo Carmona (2013), José Bonifácio tem sofrido de uma espécie de rebaixamento pelas elites dominantes brasileiras ao longo da história. Isso porque, segundo o autor, ao se verificar o passado de líderes ou pensadores nacionais, Bonifácio poderia ocupar maior relevância do que tem hoje.

De fato, há de se perceber nele o objetivo de tornar o Brasil uma grande nação. Baseado num pragmatismo e sem adentrar no mérito ideológico da eficiência do que propunha, é possível afirmar os anseios de Bonifácio em prol de sua terra natal.

Sousa (2015) infere que Bonifácio foi, talvez o único, a se aperceber, durante os sucessos confusos da Independência, da necessidade de construção de elementos próprios para uma existência duradoura. Sempre tendo em vista a defesa da unidade brasileira.

Para o alcance da Defesa do Brasil era necessária a adoção de forças militares proporcionais aos objetivos em questão, dizia Bonifácio. Além de evitar compromissos que limitassem ou subordinassem a soberania nacional (ANJOS, 2007). Exemplo disso que durante a Batalha do Pirajá preferiu pagar comandantes militares estrangeiros com comprovada experiência (CARMONA, 2013), a pedir algum tipo de aliança com outra potência. Enquanto durante a função de Chefe de Governo – ou Primeiro-Ministro – Bonifácio criava “um Exército genuinamente brasileiro – que vinha tomando esta forma desde Guararapes – e no qual se cria a Marinha do Brasil” (CARMONA, 2013, p. 206).

Ainda no escopo da Defesa Nacional, era impossível na visão de Bonifácio a manutenção de uma Pátria solidificada sem a coesão nacional. Mesmo com o fortalecimento das instituições das Forças Armadas, isso seria insuficiente para a garantia da integridade territorial. Desse modo, sua preocupação passava desde a integração das diferentes etnias existentes em solo nacional, pela garantia de uma administração pública correta, sem corrupções, até a utilização de recursos produzidos pelo Brasil orientados para o desenvolvimento nacional (ANJOS, 2007).

Nesse intuito, uma das principais preocupações de Bonifácio foi o tema escravidão. Não há como conceber um país livre e desenvolvido em que o trabalhador era, em sua maioria, escravo, e em que a economia se organizava em benefício de uma classe privilegiada (CARMONA, 2013; DOLHNIKOFF, 1996; SOUSA, 2015). Para Bonifácio, a escravidão era um elemento desagregador e impeditivo para desenvolver a economia voltada para todos os cidadãos.

Ainda no campo das políticas sociais, a integração das comunidades indígena e africana era fator de impaciência de Bonifácio (ANJOS, 2007). Portanto, a orientação de sua forma de pensar era na coesão da população, sem divisões raciais, contribuindo para o processo da formação da unidade nacional. A ascensão de um projeto nacional só seria possível após uma reflexão das características singulares do povo brasileiro e do fortalecimento da integração entre aqueles que habitam o território.

Para facilitar essa integração e coesão pretendida, Bonifácio propunha a instalação da capital brasileira no interior do território nacional. Inclusive propôs a cidade de Paracatu-MG, no Planalto Central, com a dupla intenção de forçar a construção de estradas e ligações com o interior e, ainda, propiciar maior segurança a capital, uma vez que o Rio de Janeiro se encontrava exposto a uma ação estrangeira por meio marítimo (CARMONA, 2013; SOUSA, 2015).

Já no campo político, a insistência de Bonifácio era pela continuação da monarquia constitucional, com o Imperador como Chefe de Estado, porém, com limitações de seus poderes por meio de uma Constituição. Assim, entendia que essa forma de governo viabilizava o objetivo de manter unido um País tão grande e tão diverso (ANJOS, 2007; DOLHNIKOFF, 1996).

Os exemplos republicanos dentre os vizinhos daquele tempo favoreciam as argumentações de Bonifácio, inclusive com a dissolução da antiga América Espanhola em pequenas repúblicas, justamente o oposto do que se pretendia com a América Portuguesa.

Além disso, a pauta política se vinculava à econômica na busca em garantir o desenvolvimento do país, igualando com as principais nações europeias e beneficiando toda a população, inclusive a elite. A finalidade era transformar o Brasil utilizando das tecnologias mais avançadas do tempo (DOLHNIKOFF, 1996).

Essa transformação do Brasil em almejar a equiparação com potências europeias da época só seria possível por meio da educação científica e técnica para toda a população, independente de etnia, e a reforma do uso da terra, contribuindo para o surgimento de novas tecnologias capazes de aumentar a produção (ANJOS, 2007).

A partir desses pontos de vista apresentados, evidencia-se que o pensamento de Bonifácio possui aderência com a forma de pensar da escola geopolítica brasileira. Conforme apresentado por Vesentini (2009) e França (2020), os fundamentos dessa escola estão na proposta de uma grande potência, por meio um Estado centralizado, da integração nacional e de fronteiras sólidas. Tudo isso possui contexto prático com Bonifácio.

Escola Geopolítica brasileira	Pensamento de José Bonifácio	
Busca do País como grande potência	Profunda reflexão das características do povo brasileiro	Necessidade de construção de elementos sólidos para a afirmação da independência
Estado centralizado	Opção pela permanência do regime monárquico	Administração pública correta, sem corrupções
Integração nacional	Integração das etnias existentes em território nacional	Recursos produzidos pelo Brasil orientados para o desenvolvimento nacional
Fronteiras sólidas	Busca pela criação e fortalecimento das Forças Armadas brasileiras	Afastamento de alianças que ferissem a soberania nacional

Tabela 01 – Aderência do pensamento de Bonifácio com a escola geopolítica brasileira
Fonte: Autor.

Considerações finais

Durante a pesquisa, evitou-se a eficiência das políticas propostas por Bonifácio. Na verdade, denota-se certa simplicidade na figura de alguém que pensava um Brasil grande, algo que já suficiente para caracterizá-lo ou, no mínimo, aproximá-lo das personalidades brasileiras geopolíticas.

A forma de pensar de Bonifácio em muito se assemelha com os fundamentos do campo de conhecimento da Geopolítica. Sua base de cientista,

permitiu entender os desafios existentes ao Brasil, utilizando-se dos ramos geográficos, históricos e de sua vida política.

Assim, não seria nenhuma heresia enquadrá-lo na escola geopolítica brasileira aqui apresentada. Claro que há de respeitar o tempo histórico vivido, no entanto, não se pode negar a aderência apresentada pelo Patrono da Independência com a busca de um Estado centralizado, a integração nacional e o alcance de fronteiras solidificadas.

Per se, para evitar uma possível ocorrência de anacronismo, não se pode afirmar que Bonifácio foi um geopolítico brasileiro, haja vista o período temporal diferenciado entre os elementos. Contudo, segundo o que se pode observar nesse breve ensaio, as ideias de Bonifácio alcançaram sim uma vinculação e uma aderência ao que no nosso cotidiano conhecemos como escola geopolítica brasileira.

Referências

ANJOS, João Alfredo dos. **José Bonifácio, primeiro Chanceler do Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

BRASIL. **Lei 13.615, de 11 de janeiro de 2018**. Declara o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva Patrono da Independência do Brasil. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13615.htm. Acessado em: 24 de novembro de 2023.

BOHOU, J-M. **Géopolitique et projection de puissance du Brésil au XXI^e siècle**. Paris: L'Harmatan, 2007.

CARMONA, Ronaldo. Bonifácio, gênese do pensamento nacional. **Revista World Tensions**, v. 9, n.16, p. 196-215, 2013.

_____. **Poder Nacional e grande estratégia: uma análise geopolítica dos conceitos fundamentais do projeto brasileiro de potência**. 2017. 227f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

COSTA. Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

DOLHNIKOFF, Miriam. O Projeto Nacional de José Bonifácio. **Novos Estudos**, nº 46, 1996. Disponível em: <https://www.joserobertoafonso.com.br/wp->

content/uploads/2022/08/idoc.pub_miriam-dolhnikoff-o-projeto-nacional-de-jose-bonifaciopdf.pdf. Acessado em: 25 de novembro de 2023.

FRANÇA, Mauricio Aparecido. **Para melhor entender a geopolítica brasileira**, 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

FUKUYAMA, Francis. **As origens da ordem política**: dos tempos pré-humanos até a revolução francesa. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

GALVÃO, Iapony Rodrigues. BEZERRIL, Kellia de Oliveira. O povo e seu território: uma discussão sobre a teoria de Friedrich Ratzel. **Revista de Geopolítica**, v. 3, nº 2, p. 230 – 238, 2012.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KJELLÉN, Rudolf. **Der staat als lebensform**, Leipzig: S. Hirzel Verlag. 1917.

MATTOS, Carlos de Meira. Geopolítica e Modernidade: Geopolítica brasileira. In: MATTOS, C. M. **Geopolítica**. Rio de Janeiro: Ed. FGV: Biblioteca do Exército. v. 3, p. 129-268, 2011a.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

_____. **O Poder da Geografia**: o futuro de nosso mundo em 10 mapas. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SILVA, Golbery Couto e. **Geopolítica do Brasil**. Editora José Olympio: Rio de Janeiro, 1967.

SOUSA, Otávio Tarquínio de. **História dos fundadores do Império do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, vol I, 2015.

TAMBS, L. A. Latin american geopolitics: a basic bibliography. **Revista Geográfica**, Rio de Janeiro. n. 73, p. 71-105, 1970.

VESENTINI, José William. **Ensaio de geografia crítica**: história, epistemologia e (geo)política. São Paulo: Plêiade, 2009.

Recebido em 2023.12.20.

Publicado em 2024.04.03.